

A VOLTA DO CAMPEÃO

Luiz Vilela

Naquelas tardes quentes, sem ter o que fazer e cansado de ficar em casa, ele ia para a praça e sentava-se num banco. De fundo das rugas, contraídas pelo aborrecimento, os olhos acompanhavam sem interesse as pessoas e coisas que passavam. Até que, cansado disso também, ele se levantava e ia andando a esmo pelos terrenos baldios, de onde voltava já ao escurecer.

Foi numa dessas caminhadas que ele descobriu os meninos. Estavam num dos terrenos, reunidos em roda, e faziam algo que devia ser bem interessante, a julgar pela atenção em que se achavam. Foi chegando mais perto e viu o que era: estavam jogando tabela — as bilocas espalhadas numa grande extensão. E ao vê-las assim, ele sentiu de repente aquela emoção que tantas vezes sentira quando criança.

Os meninos, presos na expectativa, mal ligaram para a sua chegada, outro tanto acontecendo com ele que, colocado de maneira imprevista na mesma situação, esperava também, com ansiedade, o próximo lance, que um dos adversários — gorducho e claro — caprichava, medindo a distância e calculando a força; bateu enfim no tronco da árvore, e os olhos de todos acompanharam a biloca, que atravessou várias, passando rente, e afinal não acertou em nenhuma.

— Nossa! — exclamou um dos que assistiam.

Agora o outro — miudinho, de cabelo caindo nos olhos —, aliviado e de novo com a chance, caprichava mais ainda, levando a mão várias vezes ao tronco e não batendo, como se estivesse

certo de que aquela era a sua última chance — a última que cada vez um dos dois achava que fosse e que incrivelmente ia se prolongando, com as bilocas espalhadas por todo lado, o terreno cheio delas. Cuspiu, fez feitiço no tronco, levou a mão devagar atrás para bater. O homem mordida a unha — e quando viu a biloca corre de efeito e, sob novo espanto geral, parar a meio centímetro de outra, não pôde mais:

— Deixa eu jogar a próxima vez — pediu; e foi então que os meninos finalmente reconheceram sua presença.

Os dois do jogo, meio assustados com aquela inesperada intromissão, olhavam-no, examinando, antes de responderem qualquer coisa.

— Valendo? — o gorducho perguntou afinal.

— É — disse ele, seco para jogar.

Os dois examinando-o: não sabiam o que responder. Os outros acompanhavam em silêncio.

— O senhor sabe jogar? — perguntou o gorducho, desconfiado.

— Fui o maior campeão do meu tempo, menino.

A resposta mais do que satisfez, os olhos do gorducho brilharam de surpresa e admiração. Virou-se então para o outro, fingindo indiferença:

— Pode, Dudu?

Dudu, que já tirara suas conclusões — que o homem estava sacando, ou que, mesmo que fosse verdade, seria menos perigoso do que o adversário —, respondeu, no mesmo tom de calculada indiferença:

— Pode.

— Valendo, né?

— É.

— Todo mundo é testemunha — disse o gorducho, que, pelo jeito, o homem notou, não tinha mais nenhuma dúvida de que ele acertaria.

Ciente de sua responsabilidade e perturbado por aquele inesperado ressurgir de uma emoção que há quase cinquenta

anos não sentia, ele não se preocupou de enfeitar a jogada, que justificaria o “maior campeão do meu tempo”: fez apenas um cálculo meio rápido e bateu — e pá! a biloca acertou numa das primeiras. O gorducho gritou, a menina explodiu: e ele foi tomado de um modo tão fulgurante por aquela antiga sensação de vitória, que por um instante só teve olhos para si próprio, para o menino que ele fora e era de novo naquele instante.

Só depois é que o adulto nele observou o outro, o que perdera, o que não estava participando da festa: quietinho, mudo, de mãos nos bolsos, Dudu olhava o gorducho catar as bilocas, ajudado pela turma. Sabia o que ele devia estar sentindo, sabia perfeitamente. Não usara nenhuma tática especial, desconhecida deles; apenas a sorte, que não tinha aparecido para os dois, aparecera finalmente para ele. Mas a circunstância o transformara num ser especial aos olhos dos meninos: lia isso nos olhos deles, lia isso profundamente, tanto no que ganhara quanto no que perdera.

O gorducho, que tinha uma voz rouca, engraçada, quase não conseguia falar de contentamento, os bolsos estufados com as bilocas — ah, os bolsos estufados com as bilocas: como revia e lembrava cada coisa... E quando o outro enfiou a mão no bolso, procurando, e trouxe-a só com duas bilocas, o modo como olhou para as duas na mão — ele não resistiu e teve um novo impulso:

— Vamos fazer o seguinte — parlamentou, usando de diplomacia: — eu joguei uma vez pra você, não é justo que eu não jogue uma vez pra ele também, você não acha?

O gorducho não achou muito. No miúdo um começo de alegria apareceu.

— Só se ele não quiser que eu jogue — virou-se para o miúdo. — Como é seu nome? Dudu, né? E o seu? — Voltou-se para o gorducho, era preciso ser diplomata.

O gorducho era Renato.

— Você concorda Renato? Você quer, Dudu?

Dudu queria. Renato concordou:

— Mas só uma, hem — avisou, com medo.

Dudu passou-lhe as duas bilocas. A meninada de novo na expectativa.

Renato bateu com força, a biloca espirrou para longe. Ele bateu, demonstrando uma certa displicência para tranquilizar Dudu, que o olhava com toda a confiança. Renato bateu. Ele. As bilocas iam se espalhando. Pediu três de empréstimo; Dudu olhou-o meio aflito, mas ele, sem os outros verem, deu-lhe uma piscada animadora.

Outro empréstimo — cinco bilocas já, a banca só crescendo. E se ele perdesse? Começou a se preocupar. Preocupava-se por ele próprio e por Dudu, seu prestígio e a confiança do menino. Cada jogada sua recebia o dobro de atenção da platéia: seus mínimos gestos eram seguidos por aquela porção de olhos atentos. Mais preocupado com isso e de certo modo aguçado em sua vaidade, cedeu, como nos velhos tempos, a um repentino capricho, e, levando a mão atrás, bateu por baixo da perna. A sorte não o esquecera mesmo: acertou bem em cima de uma biloca, e a meninada veio abaixo — mas dessa vez houve protestos, Renato não queria aceitar:

— Assim não vale!

— Não vale por quê? — gritou Dudu, indo pegar as bilocas.

Renato correu na frente, outros meninos entraram, empurrões, começo de briga, ele veio para apaziguar:

— É preciso brigar por causa disso? Ninguém precisa brigar, a gente resolve as coisas é conversando, e não dando tapas e empurrões. Ponham as bilocas aí no chão, vamos conversar.

Os dois puseram, resmungando. A turma os tinha cercado, e cada um falava uma coisa, briga querendo começar entre eles também.

— Vocês aí! — espalhou, e eles se calaram.

Esperou que se fizesse silêncio completo.

— Por que você disse que não vale, Renato?

— O senhor jogou debaixo da perna.

— E isso não vale? No meu tempo valia.

— Você já jogou assim também — acusou Dudu.

— Mas nós não combinamos hoje.

— Tem que combinar?

— Tem.

— Tem nada.

— Tem.

— Tem o quê, sô!

— Tem.

— Tem, moço?

Gostou de ser chamado de moço.

— No meu tempo não tinha não. Combinar pra quê? É uma jogada muito mais difícil.

— Aí — disse Dudu.

— Mas não foi combinado — insistiu Renato.

Ele viu que não era possível um acordo.

— Vamos fazer o seguinte — resolveu, e olhou para a turminha ao redor: — vocês é que vão decidir.

— Claro que eles vão falar que não vale — disse Dudu, e ele viu o erro que cometera, prejudicando pela segunda vez o menino: a turma ali era quase toda de Renato.

Sem jeito para voltar atrás, tentou ainda:

— Mas vocês têm que ser honestos, falar a verdade; mentira não vale.

A advertência foi inútil — quase todos se mostraram escandalosamente a favor de Renato, e ele não teve outro jeito senão consolar Dudu, a quem a simpatia natural e o desenrolar das coisas o iam ligando mais.

— Deixa que nós recuperamos.

O “nós”, talvez um pouco inadvertido, teve a força de uma separação de águas: estavam agora bem definidos os adversários, fosse qual fosse o caminhar do jogo e o final.

Ficou decidido que começariam do início. Ele pegou as duas bilocas de volta.

E então o jogo prosseguiu, agora de modo mais emocionante, com uma tensão de guerra. Ao jogar a segunda, ele acertou, numa jogada bonita, o que serviu para levantar o moral do companheiro e para pôr apreensivos os adversários.

Uma nova banca foi se formando, já devia ter umas dez bilocas, ele estava com três de empréstimo. Em nenhum momento, desde que chegara ali, sentiu tão aflitiva a necessidade de ganhar. E de tal modo estava que, numa jogada duvidosa de Renato — um dos meninos disse que a biloca havia relado —, e inflamou a ponto de surpreender a ele próprio:

— Relou nada, menino! — esbravejou, e o coitado ficou murcho de medo; depois ele percebeu e procurou abrandar: — Relou?... — indagou aos outros.

Por incerteza mesmo, ou por medo, nenhum respondeu afirmativamente.

— Se relou, pode pegar — disse para Renato, magnânimo; — mas se não relou, é roubo.

Renato correspondeu:

— Relou não. Pode jogar.

Pediu mais três de empréstimo. Na terceira ele acertou, e teve tanta alegria, que gritou junto com o companheiro. Dudu foi logo recolher as bilocas. Ele devolveu as de empréstimo — ainda ficaram seis.

— Agora eu vou embora — disse Renato.

— Tá com medo? — Dudu provocou.

— Medo nada, é que tá ficando escuro e a Mamãe dana. Estava mesmo ficando escuro.

— Quer continuar amanhã? — desafiou Dudu.

— Com ele? — Renato apontou, e todos olharam na sua direção, esperando que a resposta viesse dele próprio.

— Só vim ver vocês jogarem — ele respondeu; — não vou jogar mais.

— Por que o senhor não vem amanhã também? — pediu um da turma.

— Amanhã? É — disse, — quem sabe? Talvez eu venha...

Iria?... Fora ótimo. Descobriu que era um campeão ainda depois de quase cinqüenta anos, descobrir que conservava a mesma classe, sentia as mesmas emoções daquele tempo... A banca cheia, aquele momento entre o cálculo e a batida, e

depois a biloca passando entre as outras. E aquela jogada debaixo da perna — fora sensacional, a menina vibrara.

Que havia feito de suas bilocas, ou que haviam feito delas? Decerto tinham sido dadas a alguém. Ou simplesmente foram se perdendo como tantas outras coisas de sua infância? Não conseguia se lembrar. Era uma coleção bacana, conseguida em muitas disputas, disputas marcadas por várias brigas. Uma coleção realmente bacana, com piocôs (lembrava-se principalmente daquele verdão listrado), piubinhas (aquela “miolo de pão”), buscadeiras, solteiras, leiteiras (e aquela que passara pela mão de todo mundo? era linda, com listas vermelhas, verdes, amarelas). Estranho que não lembrasse o que acontecera com as bilocas, pois tinha tanto amor a elas. E seus companheiros? Pudim, Altamiro, Edson... Altamiro e Edson tinham sumido do mapa, nunca mais os vira. Pudim era fazendeiro, de vez em quando se encontravam, mas nenhum dos dois nunca mais falara nas bilocas. Que diria Pudim, se passasse por ali e o visse jogando e fazendo proezas como antigamente? E se chamasse Pudim para jogarem de novo? Não tinha cabimento. Talvez nada daquilo tivesse cabimento.

Preferiu não contar à mulher. Mas ela notou:

— Você está com uma cara diferente; quê que você andou fazendo? Chegou mais tarde...

Ele sorriu, sem dizer nada.

Na manhã do dia seguinte estava sentado no alpendre, quando viu aquele menino parado na calçada; seu pensamento estava tão longe, que levou alguns segundos para reconhecê-lo: bobagem, era o seu companheiro da véspera.

— Vem cá, Dudu...

O menino deu mais uns passos, e não perdeu tempo:

— Quer ser meu sócio?

— Sócio? — ele sorriu, divertido e lisonjeado com a proposta. — Mas eu não tenho nenhuma biloca...

— Divido com você.

Ele escutou o barulho da mulher chegando na sala. Chamou o menino para irem para a praça; no caminho explicou que era sua mulher e que ela era meio implicada com menino.

— Por quê? — o menino quis saber.
— Mania — ele ergueu os ombros.
O menino achou graça.
— Então, você fica?
— Fica?...
— Meu sócio.
— Não posso, Dudu. Vocês são meninos, eu já sou um homem velho, não dá certo.
— Quê que tem?
— Quê que tem?...
— Se é por causa das bilocas, eu divido com você.
— Não é por causa disso.
— Por quê que é então?
O menino o olhava atento.
— Foi tão bom ontem...
— Bom? Eu quase fiz você perder as bilocas todas.
— Mas depois você ganhou. Uma hora você me ensina daquele jeito?
— Daquele jeito?...
— Debaixo da perna.
Ele sorriu, passou a mão na cabeça do menino.
— Como você me encontrou? Você sabia onde eu morava?...
— Eu fui perguntando.
— É? — tornou a sorrir, admirado da persistência do menino. — Você é um garoto inteligente, Dudu.
Dudu baixou os olhos, para logo em seguida levantá-los, numa última carga:
— Você então fica?
— Sócio?
— É.
— Faz assim: eu vou lá hoje de novo, e lá nós resolvemos, tá?
— Tá — os olhos brilharam. — Eu posso passar na sua casa pra gente ir junto? Não tem perigo da mulher do senhor ver, eu dou um assobio; um assobio assim — levou dois dedos

à boca, e um assobio agudo cortou a praça. — Aí você responde, e eu venho pra praça, e nós encontramos aqui. Você sabe assobiar?

— Claro — disse com displicência.

Será que ainda saberia mesmo? Ajeitou os dedos entre os lábios, puxou o ar e soprou — mas o assobio saiu chocho. O menino o olhou meio decepcionado.

— Dessa vez não aiu muito bom — se desculpou, — estou meio fora de forma; mas vou melhorando, pode ficar tranqüilo.

— Então até mais tarde — disse o menino, e foi caminhando de volta.

Lá pelo meio da praça parou, voltou-se e deu um assobio: ele respondeu, e dessa vez saiu melhor.

De tarde, no quarto, treinava o assobio. A mulher veio e ficou parada à porta, olhando-o — o médico e a filha já a haviam prevenido para as possíveis esquisitices dele após o derrame. De forma que ela não comentou nada, simplesmente perguntou por que ele assobiava.

— Não tenho nada que fazer: não é melhor assobiar do que não fazer nada?

Ela deu meia-volta e retornou à cozinha — mas de tarde, na ausência dele, comentaria com a filha pelo telefone: “Seu pai anda meio esquisito esses dias...”

As horas passaram, e o fim do dia foi chegando, numa ansiedade que crescia. E então escutou o assobio lá fora; poderia ter esperado no alpendre, mas ficou no quarto só para ter a oportunidade de responder — e dessa vez seu assobio foi perfeito, o treino dera resultado.

Encontraram-se na praça:

— O assobio agora foi bacana, hem — o menino comentou.

— Vamos pra lá?

— Vamos.

— E se eles acharem ruim eu ir?

— Acha não, já falei com o Renato. Sabe quê que ele falou? Que você é fichinha.

— Fichinha, né? — e sentiu-se provocado; — pois vou mostrar pra ele; olha aqui.

Enfiou a mão no bolso e tirou um saquinho de pano. Abriu: os olhos do menino se maravilharam.

— O senhor comprou?...

— Olha essa buscadeira.

— Nossa!...

— E essa solteira aqui?

— Que bacana!...

O menino não podia de contentamento.

— Puxa, não vai ter nem graça... O senhor comprou foi hoje?...

— Vamos mostrar pra eles quê que nós somos.

A turma esperava-os, e parecia ter aumentado — ele era uma atração. Cumprimentou-os, eles responderam alegres. Com medo de ser visto ali, perguntou se não havia um lugar mais escondido, inventou umas desculpas. Disseram que havia um, mais para baixo, nos fundos de um barracão. Foram para lá. Ali sim: ali podia mostrar com tranquilidade toda a sua categoria.

Mas não foi fácil. Aquele dia a sorte parecia estar do lado de Renato. Ele estava só perdendo.

Agora havia uma banca boa, tinha de ganhar aquela de qualquer jeito. "É a hora do piocô", pensou

— Piocô vale? — perguntou.

— Como? — Renato e os outros fizeram cara de estranheza.

— Piocô. Bolococô.

Eles riram.

— Não sabem quê que é piocô?... — também estava achando graça.

Ninguém sabia. Ele tirou do bolso.

— Ah, locão — disse Renato.

— Vocês falam é locão? No meu tempo era piocô; bolococô.

Riram de novo, estavam achando ótimo.

— Vale?

— Só se valer minha buscadeira de aço — Renato tirou uma esfera de aço do bolsinho e jogou-a para o ar com classe.

Consultou Dudu: Dudu disse que podia.

Ele jogou e teve sorte: o piocô acertou. Dudu recolheu a banca. Agora o jogo estava equilibrado — e assim continuou até que saíram, com o anoitecer. No dia seguinte voltariam para continuar.

O assobio lá fora veio mais cedo: não eram nem quatro horas. Respondeu e foi se encontrar com Dudu na praça.

— Você veio muito cedo hoje, sócio.

— Quero te mostrar uma coisa.

— Mostrar uma coisa?

— Nosso esconderijo.

— Esconderijo? Onde que é?

— No fundo do quintal lá de casa.

— Não dá certo — ele disse; — eu não conheço seus pais.

— É lá no fundo, ninguém vê a gente; a gente passa pela cerca.

— Cerca? Não é difícil passar?

Que impulso misterioso o levava a ir? Talvez aquela necessidade ainda de rever sua infância na infância de um outro menino. “Esconderijo” — a simples palavra evocava nele uma porção de lembranças. Como seria o daquele menino? Seria também uma lata com tampa, enterrada no chão, coberta de terra e camuflada com cisco? E quando o menino foi mostrar, e ele viu que era, sentiu-se comovido, seus olhos ficaram úmidos. O menino, observando-o, não podia compreender por que ele estava assim, mas sentiu-se tocado por sua emoção.

— Edmundo, você é meu melhor amigo — disse o menino.

— Não diga assim — e ele abraçou-o carinhosamente; — seu melhor amigo é seu pai.

— É nada; então por que ele não quis ser meu sócio?

— Decerto é porque ele é muito ocupado.

— Ocupado? Tem dia que ele fica dormindo até a hora do almoço.

Ele riu.

Os dois ficaram em silêncio, olhando para o chão, e naquele instante parecia não haver diferença de idade entre eles: era,

nos olhos, a mesma expressão de pura alegria diante da latinha enterrada, cheia de bilocas coloridas — um pequeno tesouro.

— Ele então olhou as horas;

— São quase cinco, vamos para o barracão?

— Vamos.

— Pegaram as bilocas.

— Nós vamos acabar com eles hoje, hem? — o menino já ia se entusiasmando.

— Não vamos deixar eles com nenhuma.

— Nem uma só pra contar a história, né?

Já não era Renato, era “eles”, a turma, que, por sinal, parecia ter aumentado mais ainda aquele dia: sua fama corria. Começava a distinguir alguns rostos entré eles, outros não sabia se eram daquele dia ou se já tinham aparecido antes. Haviam limpado a área, tudo estava pronto para a batalha, que prometia ser sensacional.

Foi o seu dia de glória. Foi o ponto máximo da volta do campeão. Chegou mesmo a pensar que nem antigamente tivera uma atuação tão brilhante. Não houve jogada que não fizesse (dessa vez haviam combinado previamente que valeria tudo): de efeito, debaixo da perna, com a esquerda, de olhos fechados, de costas, de longe, e tudo ajudado por uma sorte escandalosa. A meninada delirava — pelo final, a metade havia passado para o seu lado, ele era um ídolo, um campeão como eles nunca tinham visto. Estava endiabrado, aquela mesma sensação antiga de que não era mais ele em tais momentos mas qualquer espírito que tomava conta dele, e então não havia adversário, não havia obstáculo, não havia nada que se pusesse em seu caminho. Estava fora de si, por mais que as conveniências da idade lembrassem-lhe que devia se controlar; gritava, ria, pulava, tudo numa festa só com a meninada. E naquele momento era impossível haver lugar para a compaixão, mesmo vendo que o adversário estava esmagado, quase chorando — guerra é guerra. Mas no fim até ele próprio, o adversário, cedia ante o esplendor de sua classe: “Você não erra mais nenhuma, assim não tem graça.” Dudu já tinha bilocas enfiadas em tudo quanto era bolso, e ainda recebia a ajuda dos novos companheiros.

Renato estava com três de resto e não quis continuar. Mas a luta não terminara:

— Quero ver amanhã com o Dedinho — ameaçou.

Dedinho! O nome provocou um frêmito na turma.

Na volta para casa, ele quis saber quem que era Dedinho.

— É o sócio dele — contou Dudu, excitado com as emoções daquela tarde e temeroso do dia seguinte; — ninguém ganha dele.

— Ninguém?...

— Até hoje ninguém ganhou. Precisa ver ele jogar. Ele faz umas coisas esquisitas; ele tem um dedinho a mais, pendurado, acho que é por causa disso.

— Dedinho... — repetiu, percebendo a magia que cercava o nome. — Pois nós vamos ver...

Em casa encontrou a filha:

— Estava com os meninos? — ela perguntou.

— Que meninos? — ele respondeu com agressividade, sentindo-se descoberto, sentindo violado seu segredo.

— O senhor acha que todo mundo já não está sabendo, Papai?

— Bom — ele acabou de sentar-se: — e quê que tem isso?

A filha riu, carinhosa e repreensiva, um cigarro de filtro entre os dedos espichados.

— Tem cabimento uma coisa dessas, Papai?

A mulher arrumava a janta em silêncio, escutando.

— Pensa, o senhor na sua idade, uma pessoa de quase sessenta anos, brincando com uma meninada de nove, dez anos. Não faz sentido.

— E depois, também, há os outros — entrou a mulher: — eles podem falar.

— Falar o quê? — ele perguntou.

— Falar — disse a mulher.

— Se o senhor ainda...

— Puxa — ele se levantou de repente: — tanta conversa por causa de uma coisa dessas? Eu não vou mais, pronto, está resolvido.

As duas se olharam em silêncio, enquanto ele ia até a porta da cozinha e voltava:

— Esse pessoal tem é titica na cabeça — disse, com a respiração alterada. — Falar: deixa eles falarem; quê que eles têm com a minha vida?

As duas tomaram a se olhar.

— Por que não cuidam da vida deles e deixam a minha em paz? Hem? Por que não cuidam da vida deles?

— A gente está zelando pelo senhor, Pai.

— Zelando; sou por acaso algum inválido? Sou? Fique sabendo, menina, que eu tenho muito mais saúde do que vocês todos, incluindo o bostinha desse médico que vem aqui.

— Edmundo... — a mulher pôs a mão na boca.

— Bostinha sim; e ainda vem aqui pegar meu dinheiro e dizer pra vocês que eu não ando regulando bem; pensam que eu não escuto as conversas? Pois fique sabendo ele e vocês também que eu regulo muito mais do que vocês todos. Com minha idade e tudo o que eu passei, estou muito mais vivo do que vocês!

Ele ficou ofegando.

— Zelando... — riu sarcástico; — vocês querem é que eu vá morrendo aos poucos. Morrendo cada dia um pouco mais; morrendo lentamente...

— O senhor acha que é isso o que a gente quer, Papai?

— É isso o que vocês estão fazendo comigo. Mas podem ficar tranqüilas: eu não vou mais lá nos meninos. Não é isso o que vocês querem? Então podem ficar tranqüilas, eu não vou mais; vou ficar o dia inteiro aqui dentro dessa casa.

— Papai, escuta: vamos conversar direitinho.

— Não quero mais conversar — ele disse, e saiu da copa.